

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

DASSIN, Joan Rosalie. Joan Rosalie Dassin (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 57min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Joan Rosalie Dassin
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 26/04/2012

Duração: 1h 57min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Abertura política; AIDS(doença); Bolsas de estudo e de pesquisa; Brasil; Carreira acadêmica; Censura; Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Centros de pesquisa; Ciências Sociais; Direitos humanos; Ditadura; Economia; Ensino superior; Ernesto Geisel; Estados Unidos da América; Etnias; Exílio; Família; Feminismo; Formação acadêmica; Fundação Ford; Golpe Militar no Chile (1973); História de vida; Imprensa; Leonel Brizola; Literatura; Mário de Andrade; México; Militância política; Obras de referência; Peter Fry; Política internacional; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Regime militar; Relações internacionais; Richard Morse; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo; Tancredo de Almeida Neves; Universidade de São Paulo;

Sumário

Entrevista 26 de abril de 2012: A família nova-iorquina; a ida da família para Califórnia, sua cidade natal; o encontro do tio Ju Dassãn com o macarthismo nos Estados Unidos e o primeiro contato com o ativismo político; a graduação em literatura na Universidade Brandeis na Nova Inglaterra; a pós-graduação em Stanford e o primeiro contato com Richard Morse; o convite de Morse para o encontro de estudos brasileiros na Universidade de São Paulo (USP); a ida e a experiência em São Paulo; a volta para Stanford e o interesse nos estudos sobre o Brasil durante o auge da ditadura militar; a ida ao México; o projeto sobre a política cultural de Mario de Andrade e a ida para o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) em São Paulo; a volta para os Estados Unidos, a carreira acadêmica e a contínua relação com o Brasil; os estudos sobre censura da imprensa e papel da imprensa, anos 1970 e a bolsa da Fullbright para lecionar literatura americana na Pontifícia Universidade Católica (PUC) no Rio de Janeiro; o grupo de Nova York de apoio aos exilados brasileiros e o episódio da ida de Brizola e Abdias do Nascimento para Nova York durante o regime militar; o trabalho como tradutora do livro “Tortura Nunca Mais” e breve relato sobre o livro de memórias do Geisel; o Golpe de Estado no Chile em 1973 e a atuação da Fundação Ford; a relação com a Fundação Ford paralela a sua trajetória de vida; a conversa com Peter Fry e a chegada no Brasil como Program Officer de ciências sociais e direitos humanos; a atuação da Fundação e a criação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap); a nomeação como primeira mulher da América Latina representante da Fundação Ford Brasil e a relação com Sergio Miceli; a carta de Tancredo Neves; alguns projetos da Fundação nos temas raça e de educação superior; as figuras de Franklin Thomas e Susan Berresford; o “abrasileiramento” da Fundação e das Ciências Sociais; o apoio da Fundação aos centros independentes; o processo de decisão na seleção de projetos da Fundação; a pesquisa feita pela Fundação Carlos Chagas em São Paulo da questão feminista e da questão racial; o papel da Fundação Ford no campo de estudos étnicos no Brasil; o processo de ida para o programa latino-americano na matriz da Fundação Ford; a mudança de perfil do Brasil como um país mais aberto; a influência da flutuação da política norte-americana na Fundação; o Programa Internacional de Bolsas; opiniões sobre o Brasil como sexta economia do Mundo e como ator internacional; o tema da Aids na Fundação e o papel de Richard Parker; o apoio da Fundação Ford ao movimento gay.

Entrevista: 26/04/2012

L.O. - São Paulo, 26 de abril de 2012, e nós vamos hoje fazer uma entrevista com a Joan Dassin, dentro deste projeto de “Memória dos 50 anos da Fundação Ford no Brasil”. Joan, normalmente começamos as entrevistas pedindo a pessoa para falar um pouco dados familiares, origem e formação profissional, coisas anteriores a inserção na Fundação Ford. Se você quiser, o que você quiser falar estamos aqui para ouvi-la.

J.D. - Muito obrigada, Lucia, é um prazer enorme estar aqui tentando recordar, tentando lembrar as memórias da época da fundação e até antes. Eu venho de uma família de fato nova-iorquina, de uma herança de imigração russa-judia como muitos em Nova York, e aí a minha família foi para a Califórnia no final da II Guerra por causa do meu tio que é diretor de cinema, ele foi para Hollywood, aí todo mundo foi junto. Eu nasci na Califórnia, a família era muito politizada, esse mesmo tio meu teve um encontro não muito feliz com o macarthismo nos Estados Unidos, aí crescendo na Califórnia, nos anos 50, tive uma consciência bastante forte das consequências de ativismo político, digamos. O meu tio não sofreu demais, ele saiu dos Estados Unidos, caiu na lista negra lá, não conseguiu trabalho, mas foi para a Europa, foi para França, onde em vez de ser Jus Dassin, virou Ju Dassân, um famoso diretor de cinema francês. Então eu acho que essa consciência política que veio da família mesmo era muito importante para mim. Outro elemento muito importante na minha formação, eu fiz a graduação numa universidade chamada Brandeis, que fica na Nova Inglaterra, que foi criada logo depois da II Guerra pela comunidade judaica nos Estados Unidos, e os professores tinham muitos exilados alemães e outras pessoas que tinham sofrido a repressão durante a II Guerra. Então eu estudei a literatura, mas saí de lá com uma formação sociológica, porque afinal foi a sociologia de conhecimento que nos norteava todos, e uma forte consciência de justiça social. É importante essa lembrança de Brandeis, porque hoje em dia através do programa da fundação, que é um programa internacional de bolsas que eu dirijo, a gente tem tido mais que 150 bolsistas, lá. Na minha formação de graduação mesmo, muito jovem, era um ênfases muito importante na questão da justiça social. Isso me marcou muito. Então eu fui para fazer a pós-graduação ainda em literatura, um programa que inventamos, um programa interdisciplinar em Stanford que se chamava [*Mother taught in literature*]*¹, e o modelo foi um pouco como ter do pensamento social na universidade de Chicago e onde tinha também um ênfases muito importante no contexto do pensamento, no contexto social e político da produção cultural. E assim eu fui sempre seguindo, embora que cruzou

muitos departamentos universitários, eu fui seguindo, eu estava sempre muito interessada nessa relação cultura – política.

L.O. - Em Stanford que você conheceu Richard Morse?

J.D. - O Morse estava lá num ano sabático num centro de estudos especiais que tem lá em Stanford. E foi também um momento de muita agitação política, começo dos 70, Berkeley estava ali ao lado, Stanford ainda na época estava muito, muito quieta, a revolução não tinha chegado ainda, mas conheci Morse, curiosamente, através de um grupo de brasileiros, que muitos anos depois eu fiquei sabendo que essa gente foi apoiada pela Fundação Ford a estudar Educação Internacional em Stanford, com Martin Carnoy. Aí tinha gente que depois voltou para o Brasil, em posições muito importantes na área de educação, políticas públicas etc. Isso muitos anos depois que eu fiquei sabendo disso. Então, aí foi o próprio Morse que me convidou, eu era uma simples estudante de literatura e ele me dizia na época, a gente precisa de pessoas como você, com formação ampla, que de repente poderia começar estudar o Brasil. Eu disse: “Brasil, Brasil o que é isso?”, não sabia, já falava espanhol, ele me disse, me fez uma oferta, que até hoje lembro, isso foi em 70, 71, ele disse para mim: “eu te levo, vai ter um congresso – foi o primeiro encontro de estudos brasileiros no IEB aqui na USP 71 – ele disse: “eu vou te levar, mas tem uma coisa que você tem que fazer.” Aí eu muito inocentemente, perguntei, mas que coisa teria que fazer, e ele disse: “você tem que aprender português.” Então eu disse, quando é esse famoso encontro? Ele me disse: “daqui a seis semanas.” Mas eu era estudante de línguas, achei o desafio muito legal, aí fui de lá, direto, para procurar um professor de português, e de fato falava mal, arrastando e tal, mas consegui, e de fato ele me levou. Eu me *lembro tão claramente, a pessoa brasileira que conheci na minha vida*, o Morse me apresentou, foi numa festa aqui em São Paulo, foi o Sergio Buarque de Holanda. Depois a segunda pessoa brasileira, foi na mesma festa que eu conheci, ele me apresentou foi Antônio Candido. Aí eu disse: “puxa, que nível que tem... esta gente tem um nível incrível.” É verdade.

L.O. - Você que teve sorte.

J.D. - Muita. Eu costumo dizer que eu caí em muito boas mãos, *mesmo*. Lembro cenas fantásticas naquele jantar, os dois, o Sergio Buarque e o Antônio Candido, particularmente o Antonio Candido era grande conhecedor de ópera, então recitava os libretos de cor, sabia tudo. Eu fiquei lá... imagina, uma estudante de pós-graduação, qualquer, acabando naquele bando de gente. Mas foi realmente uma entrada muito privilegiada. E depois voltei para meu departamento de inglês em Stanford, aí disse para

eles: mudei de ideia, não vou fazer tese sobre Virgínia Woolf, vou ter que voltar para o Brasil *de qualquer forma*. Na mesma época houve uma agitação política muito interessante porque imagina, foi o auge da ditadura militar aqui, mas também foi o momento do governo de Allende no Chile. O golpe foi... aquele outro, 11 de setembro em 73, mas naquela época os chilenos, realmente, qualquer pessoa interessada na política e na mudança para um mundo mais justo, mais interessante, estávamos muito atrás. Ainda passei, ainda antes de vir para o Brasil, algum tempo no centro no México, Cuernavaca, que foi concebido pelo Ivan Illich, se lembra, uma história que ele tinha de *Deschooling Society*, foi uma visão muito interessante, afinal, de como podia ser. E aí, só por acaso, ou não por acaso, eu tive a grande sorte de encontrar grandes intelectuais lá de americanos. Estava lá o Julião, passou um tempo lá, um grupo de chilenos, então realmente a minha atenção virou para este lado do mundo. Aí consegui uma bolsa da Fullbrighth ou da Social Science Reserch Council, já não me lembro qual, consegui fazer um projeto sobre a política cultural de Mario de Andrade, o modernismo brasileiro, essas coisas, que foram *super desconhecidas* nos Estados Unidos. E aí fui aceita e vim para cá para São Paulo.

L.O. - E você ficou aqui no IEB?

J.D. - Fiquei no IEB, até hoje eu sou amiga, me encontrei outro dia com o professor Antônio Dimas da USP, professor catedrático de literatura, na época era meu amigo, e ainda é, teleportam com a Lopes as pessoas do IEB. Na época a documentação de Mario de Andrade estava dispersa ainda, não tinha sido nem arquivado e tinha uma porção das cartas que eram lacradas, não podia consultar, então virou uma pesquisa muito interessante, e aprendi muita coisa, aprendi sobre o Modernismo, sobre o Estado Novo, mas também aprendi muita coisa sobre a política do momento e como estava aqui no auge do regime militar, realmente, me impressionou *muito*. Então dois anos em São Paulo, eu vejo isso nos meus bolsistas de hoje, que esse tipo de experiência quando a pessoa é muito jovem, marca muitíssimo, mas muitíssimo, *muito mais* que até se reconhece no momento, aí abre os olhos. Para mim uma pessoa que vindo... Eu tive uma formação mais internacional, minha família era uma família migrante, mas eu já era segunda geração, então, claro... mas eu tinha uma certa abertura; mas essa experiência aqui no Brasil naquele momento foi muito importante.

L.O. - Depois você volta para Nova York ou volta para a Califórnia?

J.D. - Aí voltei para Califórnia, defendi a tese, famoso Mario de Andrade, e na época era muito difícil conseguir um emprego acadêmico, nem agora, dizia que todos os velhos

professores iam se aposentar, nunca aconteceu, mas eu tive a sorte, eu entrei em uma pequena faculdade na Nova Inglaterra chamada Amherst College, que é um lugar bastante de elite, e na época não tinha nem professores mulheres, nem estudantes, ainda era antes da chamada co-educação e tinha só estudantes homens; era um desses ambientes bastante conservadores de Nova Inglaterra e tal. Bom, para mim morar em São Paulo, morar na Califórnia, chegar nesse pequeno lugar na Nova Inglaterra foi um choque total. Mas aí mantive relação com o Brasil, com os temas brasileiros, consegui publicar esse livro sobre o Mario que tinha sido a minha tese, e depois entrei para outro estudo muito interessante, já mais contemporâneo, sobre a questão da censura, censura da imprensa e papel da imprensa; nessa altura já era 75, 76, no final dos 70, e aí os movimentos pela anistia, um grupo de exilados brasileiros em Nova York. Aí eu continuava nessa faculdade, mas tive cada vez mais contato. Em 76 eu tive uma bolsa da Fullbright para voltar e passei um ano, 76 e 77, ensinado a literatura americana na PUC do Rio de Janeiro. E outra vez foi outro momento no processo brasileiro, mas para mim marcou muito porque foi o início da abertura, e aí eu consegui fazer essas pesquisas sobre censura em imprensa e o papel dos jornalistas na abertura democrática do país. Aí foi um pouco assim, eu ensinava, desenvolvia uma carreira acadêmica americana, mas sempre com muito contato com o Brasil, em todos os anos, passando tempos mais largos quando era possível.

L.O. - Mas esse pessoal que se reunia em Nova York que de alguma forma dando apoio aos exilados brasileiros que lá estavam, que por lá passavam, gostaria que você falasse um pouquinho, como foi, quem era?

J.D. - Foi um momento... um dia alguém vai ter que escrever essa história, porque foi um momento singular, eu acho. O que houve foi o seguinte, foi formado, até antes, um grupo, em Nova York, contra tortura no Brasil, e publicava o que estava havendo. Esse grupo foi formado por gente como Ralph Della Cava, o [inaudível] estava envolvido, gente em volta da Columbia University, mas que tinha tido muito contato aqui com o Brasil. E por solidariedade, com os colegas brasileiros, começavam a se movimentar. Com a passagem dos anos e a abertura sucessiva aqui no Brasil, começou a chegar exilados. O momento mais marcante foi quando o *Brizola chegou*, o Brizola estava no exílio em Portugal, aí ele acabou indo para Nova York, já planejando a sua vinda para o Brasil. Em vota dele, me lembro muito bem, ele tinha uma suíte no *Roosevelt Hotel*, que fica na 44th com a *Madison Avenue*, bem no centro de Manhattan, e teve em volta dele pessoas como o Clóvis Brigagão e outros assessores. Aí teve Brizola, o Betinho naquela época estava em Toronto, no Canadá, ele também frequentava vindo para Nova York, e tinha um grupo de

jornalistas, entre os quais a Judith Patarra, que naquela época ela era correspondente da *Veja* em Nova York, e outras pessoas em volta. Este grupo coincidiu com um momento muito importante na política americana que foi o governo Carter, o ênfases totalmente inédito que ele botou em cima de direitos humanos criou um clima que favorecia esse tipo de aglutinação de pessoas. E houve uma pessoa muito importante que trabalhava brevemente, a carreira diplomática dele era muito breve porque ele não era nada diplomático, um pastor que tinha estado aqui no Brasil, o Brad Tyson, na época. Então, tanto o Brad, como o Ralph Della Cava, gente que tinha ligação com a igreja progressista aqui, o Brad era presbiteriano, mas também a igreja presbiteriana aqui teve um papel importante. E o jornalistas e mais uns exilados e mais o Brizola por aí, a combinação foi interessante. Me lembro que também chegou naquele momento o Abdias Nascimento, passou um tempo em Buffalo, aí que ele conheceu a Elisa, que é viúva agora dele, então houve muita fermentação. Me lembro que a gente que arranjou o primeiro encontro em Nova York entre Brizola e o Abdias. E a primeira palestra que o Abdias deu foi na *Riverside Church*, onde o pastor foi uma figura muito importante chamado William Sloane Coffin, e foi ele que liderou o movimento contra a guerra do Vietnã. Aí já teríamos passado a guerra no Vietnã, acabou em 75, mas houve toda uma década de fermento político. Então por aí. Meu papel, eu era muito jovem, então meu papel eu traduzia alguns textos, não me lembro exatamente.

L.O. - Você ajudou a editar o *Tortura Nunca Mais*.

J.D. - Isso já foi um pouco depois, em 85, aí eu tive outra bolsa da Fullbright, realmente abusei da Fullbright, naquela época vim para São Paulo, era professora visitante na USP e me deram esse projeto também. Eu tive um encontro totalmente não planejado com [Walll Stephan]*² que me disse, você seria a pessoa perfeita para fazer isso. Me lembro, bati na porta da casa do [Jan Right]*³, agora falecido, uma pessoa excepcional, com muita coragem, interessantíssimo-, bati na porta dele no Brooklin, em São Paulo, aqui, não Nova York. Aí me lembro: “o que eu vou dizer para ele, uma pessoa tão importante nesse momento de direitos humanos...”, aí ofereci ser tradutora desse livro, trabalhei com ele, foi um momento muito importante, porque ainda estava durante o regime militar e eu estava ensinando a minha literatura americana; então, de fato, eu gostaria que esse livro, tão importante, foi, de fato, subsidiado pelo governo americano, uma injustiça, mas enfim.

L.O. - Voltando para trás um pouquinho mais, é interessante que você sabe que no livro de memórias do Geisel, ele comenta a visita da Rosalin Carter ao Brasil, então lá pelas tantas, fala assim... obviamente, que danado com aquela pressão por direitos humanos e

o problema com a questão nuclear, duas coisas de choque entre a política norte-americana e a brasileira. Mas aí ele diz assim: “pois é, Lavínia, vinha uma cadernetinha que ela escrevia as coisas, e ao lado tinha um pastor que ficava dizendo...”

J.D. - Exatamente o Brad Tyson.

L.O. - Ele ficava como se fosse professor, ensinando a ela o que ela devia falar, o Geisel.

J.D. - Por isso que eu digo que Brad não teve uma carreira diplomática muito bem sucedida.

L.O. - Eu queria confirmar se era a mesma pessoa.

J.D. - Sim, foi.

L.O. - Ele não diz o nome, “tinha um pastor”.

J.D. - Eu tenho quase certeza que foi. Mas foi esse núcleo em Nova York foi muito importante. Aí, estamos chegando no final dos 70, já houve o golpe na Argentina, 78, o Chile em 73, e eu tampouco sabia porque não prestava muito atenção, mas a Fundação Ford já estava ativa nesse momento, houve um programa para literalmente transportar os intelectuais chilenos que tinham sido atingidos pelo golpe a Nova York, várias universidades; naquela época era muito colega, muito amiga de um professor extraordinário chamado Henrique [Kirbeck]*4, que tinha sido reitor de uma universidade chilena e passou dois anos na prisão em [Dossy Island]*5 que era uma colônia penal horrorosa. Ele que foi inventor de uma coisa chamada “universidade sem parede” que é a ideia foi justamente popularizar a educação, fazia parte do movimento socialista do Chile e a fundação teve um papel importante em salvar gente. Então tudo isso fermento foi acontecendo lá, mas assim com muita ênfases. E eu acho que foi uma geração que nós ficamos muito atentos a questão de direitos humanos, a questão dos regimes militares e depois a questão de democratização, que foi um tema central dos estudos políticos da região. Na próxima década... e exatamente congruente com a geração latino-americanistas, depois da minha, houveram todas as guerras ilegais na América Central. Aí o movimento de santuário nos Estados Unidos, mas nos afetou mais, talvez pela proximidade por causa da proximidade da região. Até hoje eu vejo as pessoas que vieram depois da minha geração tiveram muita atenção das crises na América Central, mas tudo tinha a ver com a política norte-americana perante a região. Então eu acho que apesar dos meus interesses literários, sempre fui muito atenta a essa questão política.

L.O. - Você estava então em Nova York, vindas várias ao Brasil, fazendo isso, até então você está passando ao largo da Fundação Ford. Você entra na Fundação Ford ou a Fundação Ford vai atrás de você?

J.D. - Bom, como disse, sempre fui paralelo a fundação, sem saber, muitos anos depois que eu fui reconstruir. Porque naquela época quase todo mundo que vinha para cá ou outros países dessa região, do Cone Sul, a gente conhecia os oficiais da fundação, pessoas que entraram e depois saíram; por exemplo, nos meados dos 70, trabalhava na fundação em Belo Horizonte, nessa posição de *social science [laiser]**6, uma pessoa muito amigo meu o [?balan]*7, um argentino que morou muitos anos aqui no Brasil, e depois, muitos anos depois eu fiquei sabendo que foi ele que fundou esse programa com os brasileiros lá em Stanford. Então as coisas foram paralelas. Depois de idas e voltas para o Brasil, para Massachusetts, vivia em ônibus, em avião, eu entrei no Social Science Research Council, que é uma espécie de Fapesp mas é internacional. Eu era a pessoa responsável sobre o programa sobre a América Latina, nessa época. Então conseguimos aprofundar muito mais esses estudos de transição para a democracia, a questão da repressão política etc. E estava lá e foi uma experiência excelente porque tinha a parte acadêmica, mas também é uma organização que trabalha com associações acadêmicas e aí me dava uma visão mais interdisciplinária, montávamos projetos, muitos apoiados pela Fundação Ford, e aí eu fui aproximando. E nos final dos 80, em 88, o Peter Fry que naquela época era o representante da fundação me convidou. Estava contando para a Lúcia, naquela época não teve esse batalhão de entrevistas e tal, um telefonema de Peter, me convidando, depois eu fui almoçar com o Bill Carmichael lá na fundação, que naquela época era vice-presidente pelo lado internacional, aparentemente gostou a conversa durante o almoço e aí eu cheguei no Brasil.

H.A. - Mas o Peter já te conhecia?

J.D. - Já, já tinha conhecido o Peter por causa dessas minhas andanças pelo Brasil antes, e os estudos que eu tinha feito. E de fato ele me disse que estava me convidando porque sabia que eu tinha um bom senso de humor, ele achou muito importante. [risos]. Então, sempre era uma coisa que eu queria fazer. Eu fui entendendo mais o papel da fundação, e naquela época foi crítica. Então achei ótimo, vim para o Rio de Janeiro e depois de seis meses eu era oficial de programas para ciências sociais e direitos humanos. Aí trabalhei com Arquidiocese de São Paulo, a Comissão de Paz, naquela época a gente fazia alguns projetos, um pouco continuação do “Brasil Nunca Mais” que a gente tinha feito. Em 88 foi justamente o nascimento dos vários movimentos sociais. Mas a inserção natural da fundação era a ciências sociais, sempre tinham sido os interlocutores na sociedade brasileira, Cebrap, Cedec, todos centros privados, mais que as universidades naquela época, os centros. Aí cuidava dessa parte, seis meses depois a fundação abriu uma

representação, um escritório em Zimbábue, porque já era antes do final da Apartheid na África do Sul, não podia operar livremente na África do Sul. E o Peter foi, porque ele tinha...

Interrupção

J.D. - Eu queria dizer uma coisa que agora está me vindo a cabeça mais claramente, pela minha própria trajetória, que a Fundação Ford teve um papel que afetou muito além dos seus próprios donatários, além do âmbito mais próximo, além das relações visíveis e claras, tocava muito na minha própria trajetória de [inaudível] da fundação, tive contato com gente brasileira que foi apoiado pela fundação, eu fiz uma série de pós-doc na Columbia ao lado desse chileno que foi apoiado pela fundação, e assim por diante; quer dizer, nesse âmbito intelectual de políticas basicamente contra as ditaduras, na região, da época, final dos 70 começo dos 80, e até antes, claro, mas particularmente nessa época que eu vivi, a fundação teve um papel *fundamental*, e acho que isto diferencia a marca da Fundação Ford aqui na América Latina das outras regiões. Depois com a minha experiência dentro da fundação, eu fui percebendo que particularmente a atuação nesta região é diferente que nas outras, onde tinha mais distância, menos envolvimento, talvez, inadvertente, mas menos impacto político, não falando das políticas públicas, essas outras coisas, mas pela gente que estava associada basicamente, desde a época que a fundação deu a primeira doação para a Cebrap, foi em 68, com Peter Bell, ficou famoso, e esse caso ficou famoso porque parece que o Departamento de Estado Norte- Americano pôs bastante pressão sobre a fundação para não apoiar o Cebrap, porque naquela época, 68, foi o golpe dentro do golpe etc, etc. e os Estados Unidos tinham muito medo que o Brasil, como se dizia na época, que o Brasil virasse uma Cuba grande. Então eu acho que pela associação com cientistas sociais melhores do país e da região, como foi o caso chileno, por exemplo, eu acho que de repente a fundação nem tinha consciência disso, porque as relações já existiam, e simplesmente porque essa gente queria continuar fazer o que estavam fazendo, o regime militar não deixou, aí viraram oponentes do estado. Não é que eles necessariamente começaram com essa posição, mas que o Estado os definiu assim. E a fundação foi, querendo ou não, tendo que defender direitos humanos e outras coisas que não estavam na agenda. Então a minha versão particular da história é um pouco por aí.

L.O. - Você comentou a sua entrada com o convite do Peter Fry, você já conhecia o Brasil, e você já conhecia dessa sua época em São Paulo, Sergio Miceli, antes da sua entrada na Fundação Ford? E uma pergunta subsequente que seria, você fez o convite ao Sergio

Miceli para organizar as comemorações dos 30 anos da Fundação Ford no Brasil. Eu achei interessante porque eu fui olhar lá na... bom, foi um convite pessoal ao Sérgio porque não tinha nada a ver com a doação que a Ford fazia ao Idesp, onde ele também estava. Então falasse um pouco sobre isso.

J.D. - Só para reiterar um pouco, eu entrei, passei seis meses como oficial de programa, aí o Peter foi convidado a abrir o escritório da fundação em Zimbábue, aí eu fui nomeada representante da fundação, como estava comentando com a Lucia, era a primeira mulher em toda América Latina a ser chefe de um escritório internacional, e se não me engano houve uma outra em Bangladesh, mas éramos poucas. E o modelo da fundação era outro, um pouco departamento de Estado liberal, então a ideia era não ficar muito tempo para não ficar partição, não conhecer demais sobre o país para não se envolver demais; claro que as tendências foram mitigadas por outros fatores, e de mulher não tinha, absolutamente. Isso também foi... eu era muito consciente desse fato e era jovem na época, claro que ainda jovem, mas enfim achei que... Então a minha ansiedade, será que os donatários vão me respeitar e tudo mais, aí eu entrei nessa história de poder construir relações em base das relações que eu já tinha, e naquela altura, final dos 80, já tinha quase 20 anos de experiência aqui no Brasil, e o Sergio foi uma das pessoas chaves, porque eu montei uma espécie de *[kitchen cabinet]**8, gente que eu tinha muita confiança nessas pessoas, que podiam me avisar com franqueza. Embora que as instituições, e no caso Idesp, com Sergio, tivessem doações da fundação, essa gente não dependia da fundação, tinha vida própria, vida intelectual, reconhecimento, o Sergio era professor na USP etc, e era muito importante ter gente que podia me dizer a verdade; porque quando você está em posição e controla recursos, particularmente naquela época que os recursos foram muito escassos para esse tipo de atividade, as pessoas vão dizer o que você quer ouvir, não é? Então um pouco, qual a linha da fundação? Não sei. Qual linha você queria que fosse? É um pouco desse tipo de intercambio. Então era muito importante o Sergio, outra pessoa naquela época que era muito próximo era o Simon Schwartzman que também tinha uma reputação independente, era muito chegado a fundação, mas não dependia da fundação. E a minha querida amiga Luiza Buarque de Holanda que sempre vê as coisas de um ângulo totalmente distinto; mas gente com *muita experiência* da sociedade brasileira. Então o Sergio cabia dentro disso. Eu achei, em primeiro lugar, se não me engano, a ideia de comemorar os 30 anos, foi uma ideia nossa, acho que não partiu de Nova York, a gente viu que... Naquela altura, imagina, final dos 80, começo dos 90 já estava marcando 30 anos, e sempre uma coisa que me impressionava muito é que na porta

do elevador da fundação, naquela antiga cobertura no Rio, na praia do Flamengo, não dizia Ford Foundation, dizia Fundação Ford. Então para mim, o meu treinamento literário significava que a fundação fazia parte do cenário local, tinha tido um papel importante e nisso dependia-se legitimidade, muito importante manter essa credibilidade. Então achei o máximo que definir qual foi o significado desses 30 anos, tinha que ser um brasileiro como o Sergio, que estuda intelectuais, que é profissional nessa área, e me lembro muito bem que o mandei para Nova York. “Em vez dos americanos virem para cá estudar vocês, porque você não vai para lá estudar eles?” Ele achou genial e até foi para os arquivos lá. Agora, tudo isso aconteceu, e como você me falou, me lembrou que o Sergio falou: “agora o final da viagem intelectual das universidades com a fundação e tal”, claro que houve uma emergência da sociedade civil, mas a verdade é que pessoas como o Sergio, como o Rubem Cesar, como todos aquela primeira geração de donatários que estavam já com organizações não governamentais, movimentos sociais, eram intelectuais também, eram gente que tinha saído da academia ou de centros de pesquisa e mantiveram esse *roll* bastante nos dois lados da moeda. Então a ideia é marcar a importância. Outro fato que me lembro, muito importante, não sei se existe ainda, mas a d. Priscila naquela época tinha nos arquivos da fundação uma carta assinada por Tancredo Neves autorizando a entrada da Fundação Ford no país, 61, quando ele ainda era primeiro ministro.

L.O. - Isso era uma coisa que eu procurei na documentação, mas é que não está lá, está em Nova York, está sendo digitalizada, está sendo não sei que.

J.D. - Que pena, seria muito interessante ver essa carta.

L.O. - Porque de alguma forma essa autorização regulamentou aquela agência norte-americana fazer tudo que estava fazendo, senão...

J.D. - Mas dado o papel subsequente de Tancredo Neves foi uma coisa fascinante. Mas enfim, nos meus próprios projetos, eu queria comentar, entre os vários projetos que eu acho que tiveram mais impacto, é que a gente trabalhou, foi a época da Constituinte e trabalhamos, me lembro muito bem, com a ABA, Associação Brasileira de Antropologia, que na época estava elaborando as provisões da Constituição a respeito da terra indígena, do movimento indígena etc, foi muito importante o aval da fundação naquela época. Também uma coisa bem interessante que depois teve vários desdobramentos é que a gente... a fundação sempre dependia muito na pesquisa social, então um tema outro tema, temas mais novos, temas mais inovadores como o tema de relações raciais, por exemplo, a fundação deu muito apoio aos centros, mas menos nas universidades e menos ainda a questão da educação superior em si. Quer dizer, que tipo de instituição ficaria depois de...

você podia ver a universidade de uma forma instrumentalista, que ela ia produzir pesquisa e pesquisa em determinado tema que você queria. Mas o status da universidade, particularmente depois da democratização do Brasil, com uma demanda que aumentou muitíssimo, como vai ser essa universidade? Então, de fato, pela primeira vez e pela primeira vez, que eu saiba, na fundação internacional abrimos o tema de educação superior, não como instrumento para produzir pesquisa sobre qualquer questão social, mas sobre a universidade em si. Aí começávamos com um centro que o Simon na época aqui na USP, um núcleo de estudos da educação superior, foi iniciador na época, houve um interesse no Ministério de Educação, foi uma das primeiras vezes que o próprio ministério estava montando um centro de pesquisas educacionais, esta linha foi muito importante. Tanto assim que continuou vários anos. Afinal fizemos um projeto regional, o próprio [Rockenbalan] fazia parte da Argentina, houve um caso de estudos no México, se não me engano na Venezuela, e esta área de educação superior como tópico de investigações ficou e foi muito importante. Até hoje eu trabalho nele.

L.O. - Uma coisa, nos 30 anos, o presidente veio.

J.D. - Foi, foi. Eu me lembro...

L.O. - No livro tem uma fala dele, sua, dele, no livro de 30 anos. Se você quiser comentar a figura do Franklin Thomas.

J.D. - Naquela época o presidente foi o Franklin Thomas que é uma... como estava comentando, uma das pessoas mais sábias, eu acho, que eu já conheci na vida. Primeira pessoa afro-americana a ser presidente de uma grande fundação nos Estados Unidos. Embora a fundação fosse progressista nas suas políticas, nos seus quadros, não era tanto. E as mulheres entramos muitos anos depois, comentei já que eu era a primeira mulher na América Latina a ter esse cargo. Hoje em dia é comum, mas naquela época não era e afro-americano quase não tinha ninguém. Era uma instituição marcada como todas as instituições elites, não elitista necessariamente, mas da elite norte-americana, como um Princeton University, por exemplo. Então a entrada do Franklin Thomas foi importante nesse sentido e ele tinha muito interesse no sistema internacional, mas eu acho que a América Latina não era a área que ele conhecia mais, então foi extremamente importante para um país africano, como que o Brasil vê ele, e escutar ele. Me lembro que foi importante as pessoas conhecerem ele como presidente da Fundação Ford.

H.A. - A Suzan já era a vice?

J.D. - A Suzan naquela época era a vice...

H.A. - Porque também marcante, a vice ser mulher e o presidente...

J.D. - Isso. A Suzan, até hoje, é uma das pessoas que admiro mais que qualquer outra, é super dinâmica, falando de uma pessoa que reconhece as oportunidades e a pergunta dela nunca é “por que, é “porque não?”. Ela passou toda a carreira dela dentro da fundação, começou como estagiária, e naquela época eles combinaram a divisão doméstica porque ela tinha sido vice-presidente do setor doméstico, e combinou o doméstico com o internacional e ela já era vice-presidente dos dois. Eu me lembro, ela veio para o Brasil em 89, meu filho que nasceu aqui no Brasil tinha duas semanas, alguma coisa assim, e ela veio com uma alta comissão para ver o programa aqui no Brasil.

H.A. - Nossa!

J.D. - Foi. Tinha certas coisas marcantes.

L.O. - Vamos dizer assim, uma coisa também ainda... conversando sobre o que o Sérgio fala, ele fala num certo abraqueiramento da Fundação Ford do Brasil. Vamos dizer assim, isso não é muito claro... Mas eu perguntei sobre isso ao Bradford, um pouco disso. Porque é interessante, tanto você sai daqui do escritório brasileiro e vai para matriz ser responsável sobre a América Latina, quanto o Bradford também, ele sai e vai ser alguma coisa na matriz, vice-presidente. Então, seria isso uma coisa comum do staff dos vários escritórios galgarem posições na matriz ou seria uma particularidade do escritório brasileiro? O Brad falou assim: “Mas dois casos não caracterizam uma tendência.” Qual a sua opinião?

J.D. - Eu não me lembro exatamente porque o Sergio fez esse comentário sobre o abraqueiramento da fundação, eu acho que naquela minha época ainda não tinha oficiais de programa brasileiro, não era uma política explícita, mas havia uma política entendida, digamos, que uma pessoa do próprio país não podia ser objetivo. Que era uma prática copiada do Departamento de Estado norte-americano. Então... não me lembro quem foi a primeira pessoa brasileira a entrar como oficial de programa aqui, mas era depois, depois da minha época aqui. Quando eu era diretora dos programas latino-americanos na matriz em Nova York começou, entrou uma pessoa mexicana no México etc, mas foi um processo devagar.

L.O. - Acho que aqui o primeiro brasileiro a entrar foi o Peter Fry. [risos]

J.D. - Esse não conta, exatamente. Pois é.

L.O. - Ele sabe. Ele fala anglo, mas não americano e ...

J.D. - Como eu dizia, a fundação tinha uma ala anglofilia mesmo, o que você dizia, podia ser a maior bobagem, mas se falasse com sotaque inglês já era melhor, então, não, mas falando seriamente custou nacionalizar os quadros nos escritórios locais. Inclusive teve

coisas não muito legais como escala salariais diferenciadas e coisas assim que não se deve falar tanto. Hoje em dia já melhor. Mas o quadro mudou, *mudou muito*.

H.A. - Eu acho que esse abasileiramento que o Sergio comenta, também diz respeito as ciências sociais de já haver uma base aqui das ciências sociais muito sólida que influenciou as decisões da fundação.

J.D. - Ah, sim, nesse sentido sim, porque foi *muito interessante*. Eu acho que a marca mais forte da fundação, em toda esta região, e não é igual nas outras, como comentei, mas particularmente aqui no Brasil e nos outros países desta região, no Peru também tem muito isso, o apoio para os centros independentes, às vezes à custa das universidades, porque apoiava Cebrap, Cedec, Idesp da vida... Estava comentando, uma vez reuni 21 centros dos mais importantes, dos independentes, que tinha sido formado mais ou menos durante a época militar ou logo depois com a política, basicamente, para seguir, mas com um caráter independente de pesquisador. Desses 21 a Fundação Ford tinha apoiado 20 para mais dez anos minimamente, dez anos ou mais. Quer dizer que todos os esforços da fundação foi realmente criar um fluxo de pesquisa independente. Aí havia também apoio para as universidades quando era possível, por exemplo, um departamento de ciência política de Minas, foi um caso muito importante quando a fundação implantou o modelo norte-americano, que eu saiba não havia antes esse tipo de departamento de ciência política, em particular, as outras ciências sociais eram mais fortes aqui. Nem para falar na economia que era outra coisa. Mas, enfim, eu acho que a fundação teve um peso muito significativo na criação das ciências sociais no Brasil. Acho que dá para dizer isso. E depois entender exatamente como, tal, mas, por exemplo, o ano passado teve um evento aqui em São Paulo, marcando 40 anos de colaboração entre a Fundação Ford e a Carlos Chagas aqui no Brasil. Mencionaram nesse evento três programas fundamentais de colaboração de formação de quadros de pesquisadores e de pesquisa. Um programa de pesquisa sobre mulher que foi uma das primeiras tentativas de estabelecer o campo de estudos de gênero aqui no país, outra sobre direitos humanos e o terceiro, nosso programa atual, que é a formação de quadros. Então, tanto do lado institucional quanto do lado de apoio individual ou pequenos grupos para pesquisa, a fundação sempre teve um papel muito importante.

L.O. - Acho que o sentido dele... esse sim... eu uso o outro lado, um pouco, para provocar o entrevistado para dizer... Mas acho que é isso, a criação do campo das ciências sociais e ao mesmo tempo uma certa... como essas figuras eram ou se tornaram cientistas sociais de primeiro time, vamos dizer assim, a Fundação Ford interagia com essas pessoas de

forma intensa e de alguma forma até mudando o perfil do que queria financiar. Como se esses donatários definissem quais os programas e os projetos...

J.D. - Mas é claro, é claro. Eu acho, hoje em dia por incrível que pareça, eu tenho menos proximidade aos centros de decisão da fundação, porque meu programa opera de uma forma mais autônoma, mas eu acho que na minha época foi claramente entendido por nós, como gente responsável pela atuação da fundação no Brasil, na região, que o papel da gente era responder a demanda, não era definir as linhas e depois procurar os donatários que pudessem satisfazer aquelas demandas nossas. Claro que é um processo inter-relacionado e depende muito do diálogo, tudo isso, é evidente, mas era muito importante identificar a demanda e mais preciso ainda identificar uma demanda emergente. Porque o papel de uma fundação privada que não opera dentro dos confinamentos do governo, não tem esse mesmo [*constricted*]*9 de poder legitimizar temas que não tiveram muita aceitação. No caso da fundação, o caso mais famoso seria a questão das relações raciais aqui no Brasil.

L.O. - Nós vamos voltar desse ponto porque ele tem que trocar a fita.

H.A. - Trocar a fita e esse tema é importante.

L.O. - É quente...

1 a 9 - o mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DO ARQUIVO I]

L.O. - A gente estava comentando da importância da relação do programa das definições da própria Fundação Ford e da realidade das demandas dos possíveis donatários. E da interpelação disso, como era feito.

J.D. - Está certo. Eu acho importantíssimo ressaltar esse ponto porque tem muito a ver com a visão da filantropia americana e o que foi a possibilidade da Fundação Ford. Como que nos deixou espaço para atuar aqui no Brasil e eventualmente nos outros países também. Então na minha época, estando dentro da Fundação Ford, claro que havia uma preocupação com o impacto dos recursos gastos, tinha que justificar, e a fundação tinha que ter alguma orientação, não podia simplesmente financiar o primeiro projeto que aparecesse na porta, claro que tinha que ter uma estratégia e foi uma demanda importante de Nova York perante todos os escritórios regionais: há de se definir as linhas de atuação,

isso sim. Mas dentro dessas linhas matrizes a fundação ainda deixava muitíssimo espaço, muitíssima autonomia, porque basicamente o papel da gente dentro do escritório era justificar aquelas doações no sentido estratégico maior do escritório, afinal como foi os objetivos. Mas ninguém imaginava que isso fosse uma ciência exata. Então nesse espaço de atuação deixava realmente ao critério do escritório, trabalhando com o grupo, e eu como representante tinha três ou quatro oficiais de programa que trabalhavam comigo que eram profissionais, como a Rebecca Reichmann que você entrevistou, como Anthony Anderson que foi um ecólogo muito importante que trazia essa área para a fundação, que antes não havia. Então a ideia era como este grupo de gente responsável por um orçamento global do escritório, como a gente podia direcionar esses fundos para o máximo impacto. Eu acho então que chegamos a definir um espaço que era o ideal [*sweet spot*]*¹, seria justamente focalizar aquele assunto, aquela demanda emergente que a gente podia ter um papel de atuar de uma forma de vanguarda. Chamar atenção, até enfatizar o tema para chamar a atenção mais, como se dizia: [inaudível] para chamar atenção, porque a gente não tinha a responsabilidade que teria tido um órgão governamental ou um programa de ajuda bilateral, que representava o outro governo. Então como fundação privada, e assim foi o caso das relações raciais. E aí eu acho que a primeira inserção da fundação, até antes de apoio aos movimentos negros, o movimento social foi mais em termos da pesquisa, as primeiras pesquisas com Carlos Hasenbalg, com Nelson Vale da Silva, e foram criados núcleos na UERJ, se não me engano, não me lembro mais, talvez IUPERJ, o Carlos estava no IUPERJ naquela época, mas a ideia foi... Bom, que aqui sabemos, um que a *realidade empírica*, é verdade que é uma questão de classe ou a discriminação tem outro peso, como é, como vai poder discriminar esses efeitos, identificar. Então aplicar os princípios de uma boa investigação de ciência social e abrir assim um campo intelectual que não tinha, no meu ver, não tinha legitimidade. Sempre os intelectuais da esquerda aqui diziam: “é um problema de classe”, ou ou, do outro lado da moeda, gente negando que existia, não tinha expressão.

L.O. - Só uma coisinha. Acho que teve uma pesquisa feita pela Fundação Carlos Chagas em São Paulo, foi importante.

J.D. - Exatamente.

L.O. – Fundação Carlos Chagas foi primeira da questão feminista e da questão racial.

J.D. - Da questão racial também. Inclusive ontem nos mostraram uma edição histórica dos cadernos da Fundação Carlos Chagas mostrando a pesquisa “A raça no Brasil”, foi no final dos 70 eu acho. Então, sim, mas olha, a Fundação Carlos Chagas naquela época,

hoje em dia também, mas era uma instituição respeitadíssima. Então eu acho que a função da fundação, mais que nada, era legitimar esta área como área digna de pesquisa, para ver, porque era um tema tão intocável, como nem a questão de raça em geral, que segundo o movimento negro, eles tinham muita razão, eram invisíveis. Ainda hoje você escuta isso. Então eu acho que foi justamente o papel da fundação entrar nisso, *down side*, não tinha lado negativo, podia entrar nisso; não era mais ditadura militar, podia pesquisar, e a realidade empírica, depois, mostrava o que os movimentos vinham dizendo há muito tempo, quer dizer, o efeito combinado de ser negro e morar, digamos, fora das grandes cidades e tudo isso dava um peso de pobreza muito grande. Então eu acho que mudou os termos do debate. Eu diria que a inserção da fundação também no lado dos movimentos, mas mais do lado da pesquisa e de legitimar esse campo como campo intelectual, criou todo um campo de estudos étnicos raciais no Brasil. Claro que existia antes, sempre tinha um Florestan Fernandes, e outros grandes pensadores etc, mas nessa interação mais empírica, digamos, mais de investigação de campo mesmo, a fundação teve um papel importante.

H.A. - Eu acho que o que pode ser interessante, que você saindo aqui de ser representante no escritório brasileiro você foi para o programa latino-americano na matriz. Falar um pouquinho dessa transição e o que essa vivência do escritório brasileiro te beneficiou para assumir esse lugar.

J.D. - Muito. Primeiro lugar reaprendi o espanhol, sempre misturado um pouquinho com português, mas, de fato, e o perfil da fundação nos outros países foi um pouco diferente. No México, por exemplo, tinha muito mais envolvimento com o setor rural, com a questão da política rural, com a agricultura, com a questão de tenência da terra que afinal é *a questão principal* ainda hoje, e nos outros países, no Chile reabriu-se o escritório justamente quando cheguei em Nova York, cheguei em 92 para assumir a diretoria dos programas latino-americanos, aí depois com o restabelecimento da democracia no Chile, reabriu um escritório que havia fechado em Santiago, em 92, foi um momento muito marcante e depois por outros acontecimentos teve que fechar um escritório que havia em Lima, enfim, eu fui aproximando muito mais aos processos políticos da região. Sempre me dava muita pena, ainda hoje é difícil, em bom português, os brasileiros, vamos dizer, tranquilamente: “ah, você foi recentemente para a América Latina?” Como se fosse outro, e na linguagem popular isso quer dizer um lugar exótico, tipo Machu Picchu, alguma coisa. Um exemplo, entre meus bolsistas aqui no Brasil, quase todos ficaram no país, embora teriam tido a possibilidade de estudar fora, normalmente por falta de inglês, mas

com seis meses você aprende espanhol, não tem nenhum problema com isso, e se você quer estudar antropologia por que não México ou Peru, particularmente México. Tem universidades de primeiríssima categoria. Pouquíssimos, ninguém foi. Foram para Portugal para o Instituto de Estudos Brasileiros. Então até hoje tem menos interação que queria. Então eu diria que uma coisa que eu aprendi no continente, claro que a língua é uma barreira, mas é mais que a língua, *é muito mais que isso*, todo mundo pode aprender portunhol perfeitamente, mas era mais o Brasil [inaudível], o Brasil que olhava para dentro, não para fora. Está acontecendo uma mudança nisso agora, pela primeira vez eu acho que tem a ver com o crescimento do país, uma boa condição econômica, tudo isso, o Brasil está começando esse programa que a Dilma anunciou recentemente, “Brasil sem fronteiras”, vão mandar cem mil pessoas para estudar no exterior. Quando a gente estava aqui no escritório do Brasil, a gente tinha uma área de relações internacionais, ninguém queria nada. A gente procurava donatário assim, era muito difícil achar alguém com interesse nesse tema, *tudo* voltado para dentro. Nós que somos também um país grande, é a mesma coisa nos Estados Unidos. Está diferente agora porque a gente não tem escolha; porque de um lado uma população não é mais aquela população, é uma população internacional majoritária em alguns lugares, como Nova York, por exemplo, porque o mundo é outro. Mas então uma das lições grandes que eu aprendi quando estava percorrendo, acho que fiz 40 viagens para a América Latina nesses quatro anos, era o que existia, o Brasil era o Brasil que olhava para dentro, não tinha muita conexão, apesar do Mercosul, apesar de várias tentativas, mas isso mais no nível diplomático, interestadual. Em termos de movimento de intelectuais, relativamente pouco. Quando, em comparação, o México foi um grande destino, um país que abraçou os exilados, até hoje tem muitos exilados, gente que exilou-se da Argentina, Chile, e o México tem uma tradição disso. Então foi interessante, eu acho. E ver os mesmos problemas, mas com outra expressão. E outros, como a questão de raça e etnia que era muito importante, e muito escondida de uma certa forma. Nos outros países também e particularmente nos países andinos, Bolívia, Equador, Peru, você tem uma gente que é majoritariamente indígena, mas que sofre as condições de uma minoria discriminada. Então eu acho que foi interessante os temas de pesquisa, formação de cientista social, manutenção de um certo pensamento crítico durante vários governos militares ou não militares etc, e a questão do México sempre diferente, quer dizer, mantinha o mesmo poder anos e anos e anos, o partido soviético, e hoje em dia vão ter eleições e parece que o PRI vai reentrar, é possível,

incrível. Então eu acho que foi muita rica essa experiência do Brasil, mas mais que nada eu sentia as diferenças.

L.O. - Você está falando isso, eu estou lembrando, acho que era o Darci Ribeiro que classificando os países da América Latina ele dizia, havia países em que os andinos e outros, e que o povo era natural e a elite tinha vindo de fora, e havia países como o Brasil que tanto o povo quanto a elite tinham vindo de fora. Eu acho interessante, de fato os índios foram acudados ou fugiram para o interior, obviamente a participação indígena no povo brasileiro não tem nada a ver com o povo andino, peruano, ou mexicano. Eu acho graça que viemos todos de fora, o povo da África e a elite do mediterrâneo, vamos dizer assim.

J.D. - Uma a coisa interessante, eu diria, que hoje em dia, a problemática que os cientistas sociais estão estudando é mais perto que estava, as questões de distribuição, as questões sempre de pobreza, mas tipo, como os países estão melhores em termos da situação econômica a questão de discriminação, a questão sobre todo de desigualdade social é *muito, muito...* como se diz, preponderante ou prevalecente na agenda em todos os países, em todos os países. E particularmente por causa do modelo econômico que foi adotado em todos os países.

H.A. - Certo. Ainda falando da Fundação Ford como um todo, essa pergunta que a Lucia tinha comentado sobre a política norte-americana, mais essa questão dos direitos civis, a flutuação da política norte-americana como ela influencia a Fundação Ford?

J.D. - Olha, é uma coisa curiosa, que esse setor filantrópico nos Estados Unidos, claro que tem movimentos no congresso americano cada vez mais querendo controlar, mas não tanto pela ideologia, se não pelos recursos, porque tem muitos recursos e as grandes fundações... hoje em dia a Ford que sempre foi a primeira em termos de ser [inaudível] mais rica, se você ver os nomes das fundações tradicionais, são nomes dos grandes industrialistas do século 19. Você tem o mister Rockefeller, mister Ford, mister Carnegie, essa gente que realmente foram os nossos barões de café, os barões de indústria aqui na Avenida Paulista, faz essa referência. Bom, sentia uma certa dívida perante a sociedade, já tinha roubado tanto que era necessário devolver alguma coisa, mas também porque assim guardavam dinheiro e não tinha que pagar impostos, incentivos estão lá há muito tempo. E muitíssimas fundações familiares, milhares e milhares nos Estados Unidos que as pessoas criam. Mas mesmo de 2000 para cá, nos últimos dez anos, a Ford tem sido totalmente *over shadow* pela filantropia nova, que seriam as grandes fortunas da tecnologia, Bill Gates, Gates Foundation, podia comprar a Ford várias vezes. Então eu

acho que isto causou uma certa consternação dentro das fundações. Profissionais com quadros profissionais que sempre tinha atuado, mas de repente o dinheiro deles era muito pouco em comparação com o que podia gastar um Bill Gates, que é um doador vivo, ele aparece e ele pode gastar o dinheiro do jeito que quiser. Então causou um impacto muito grande sobre isso, e tudo isso no contexto que o papel hegemônico dos Estados Unidos está sendo desafiado em muitos, muitos lugares. Então eu diria que houve uma mudança no quadro do setor filantrópico nos Estados Unidos, por causa desse *shift* do dinheiro tradicional para o dinheiro. E o modelo é muito interessante, o modelo de filantropia que o Gates e as outras fundações, eles vêm do setor privado. Então para eles tem uma lógica do setor privado, uma ênfase sobre os resultados medíveis, quantitativos, como vamos saber quanto está resolvido o problema de pobreza, já está resolvido? Não. Então a tendência é fazer ações que são medíveis, de mais curta duração, que tem efeitos visíveis. Então, ótimo, você vai erradicar a malária. Não vai, mas enfim, você vai poder dizer que tem redes tratadas com medicamentos, tem feito uma distribuição, que tem resultados, o número de casos tem diminuído, esse tipo de coisa, e o modelo é muito mais fácil medir essas coisas na área de saúde, embora seja complicado, que na área de educação, por exemplo. Então tem uma influência. Eu acho que é positiva de um lado, porque a filantropia americana tradicional não teve que responder a ninguém. Se você mantivesse a sua atuação seguindo as leis do Estado, você mantinha seu status como *non-profit*, tudo bem, podia gastar do jeito que quisesse. Agora, com essa nova filantropia você tem muito mais ênfase no impacto e um impacto visível, que eu acho que tem um certo efeito positivo. É melhor que seja *accountable*, que não, mas por outro lado tende a ter esse efeito, desencorajar investimentos em processos sociais que são muito mais difíceis de controlar e projetar. Agora, aonde fica o governo em tudo isso. O governo americano não mexe muito com isso. Quer dizer, o setor de filantropia tem uma autonomia, ela resguarda com muita força essa autonomia, é importantíssimo, e porque não queria ser sujeito a pressões políticas. Claro, existe uma tensão, e, principalmente, como disse, por causa dos recursos. O congresso gostaria de por a mão na massa. Um pouco isso.

L.O. - Joan, como você vê esse projeto que você depois assumiu na Ford? Podia falar primeiro como você desenhou o projeto, o que aconteceu, o que você está fazendo?

J.D. - Muito obrigada, é realmente a menina dos olhos, me dá oportunidade de falar dessa joia do programa, realmente é uma maravilha. Se chama o Programa Internacional de Bolsas, International Fellowships Programm (IFP), a sigla em inglês, e a ideia foi uma ideia genial, de fato a ideia foi do Brad, porque antigamente ele devia receber o crédito.

Mas como era eu que contratei o Brad para fundação, também eu compactuo o crédito, mas, de fato, foi a ideia dele. Mas depois apoiado pela Susan e as outras lideranças. A ideia foi que historicamente a fundação sempre tinha tido muito ganho muito boa vontade por causa das bolsas individuais que davam para as pessoas prosseguirem seus estudos, basicamente foi isso. Assim, em 1999, 2000, antes da primeira quebra da bolsa na nossa década, houve em 2001 uma queda violenta, a fundação tinha muito dinheiro e é exigido pela lei americana gastar pelo menos 5% daquilo que ganha sobre o [inaudível] próprio bloco de dinheiro. E porque tinha crescido tanto os investimentos, a fundação queria gastar muito de uma vez. Então o Brad teve essa ideia genial: “porque não resgatamos essa ideia de um programa de bolsas?” Naquele momento eu estava em Washington, eu tinha saído da fundação, em 96, porque as divisões regionais em Nova York foram eliminadas, houve uma reestruturação. Aí disse, está na hora de ir para Washington, sempre tive muito interesse na política, vou ver isso. Aí me chamaram, isso foi em 99, para fazer um desenho preliminar para esse programa. E a ideia foi... ia ser um programa de bolsas e não foi muito mais elaborado do que isso. E que ia ser internacional, operar nos países onde a fundação operou, tendo escritório ou não, porque na época tinha uns 12 escritórios, mas alguns eram regionais, e meu dever, dever de casa, era desenhar uma estrutura: objetivos, enfim, preparar uma proposta. Aí eu chamei os colegas dos vários escritórios do mundo, porque eu conhecia todo mundo, claro, tinha estado dentro da fundação, e formamos um comitê, naquela época o Nigel Brooke era o representante, e como ele é especialista em educação, ele formou parte desse comitê, tinha um grande colega chileno naquela época, uma história de uma inglesa que era chefe do escritório na Rússia, e assim por diante, várias pessoas, mas dos escritórios, não de Nova York, porque eu já tinha estado dos dois lados da mesa e sabia muito bem que quando chegava uma demanda da matriz em Nova York, você fez assim, botou embaixo da pilha de deveres, porque *outra* invenção de Nova York. Então para mim o importante era criar e estudar quais formas, condições locais, que tipo de demanda, e basicamente tentar resolver um grande problema, como podia fazer um programa *global* que tivesse sentido em tantos países, em tantos contextos locais diferentes. Então chegamos, eu chefiando o processo, a um desenho genial onde o poder decisório para selecionar os bolsistas ia ser devolvido aos países. Aí criamos uma arquitetura com donatários locais, grupos locais que seriam encarregados com a ideia de seguir os parâmetros globais de um programa global, com objetivos globais, mas com condições locais. E graças, justamente, a essas relações da fundação com tantas e tantas organizações dependemos muito, consultamos muitíssimo

os vários escritórios, eles nos ajudaram na identificação de parceiros, fizemos estudos preliminares aqui no Brasil, fez um estudo Luiz Alberto Carvalho, Minas Gerais, fez um estudo justamente sobre a questão de acesso a educação superior. Porque toda nossa ideia era uma ideia vaga, que o programa tenderia que favorecer pessoas que não tinham tido acesso a educação superior, um grande programa de ação afirmativa, mas não utilizando esta palavra específica por causa das suas conotações tão controvertidas, e não um e não [inaudível], um programa que realmente beneficiasse as pessoas, que não teriam tido acesso, mas ao mesmo tempo pessoas que tinham capacidade acadêmica e qualidade de liderança e compromisso social, era o outro e lado. Quer dizer, ser pobre não era condição. Ter laços muito fortes com as comunidades de referência. Então foi ótimo, porque realmente ficamos uns seis meses nesse processo de planejamento, eu sozinha no meu escritório da fundação, saí de Washington, voltei para Nova York para chefiar o projeto. Fiz, eu acho, eu tenho record de apresentações sucessivos ao *board* da fundação, fiz seis apresentações; porque essa é a maior doação de todos os tempos da fundação, a primeira doação chegou a ser U\$280 milhões, tinha muito dinheiro, e a questão era como gastá-lo bem. E dentro de um ano a gente formou essa nova organização, saímos, literalmente, da fundação e viramos uma fundação em si, para depois repassar esses pontos a todos os donatários locais. E assim foi. E a gente saiu com muita, muita hipótese e pouca certeza. Em primeiro lugar, que ia ser possível identificar pessoas desse perfil; se vocês imaginarem no contexto brasileiro gente lá, sei lá, eu vi gente de Roraima, Rio Branco, mais perto de Venezuela do que de São Paulo, ao lado da Venezuela, digamos. E gente que pertenciam a grupos sistematicamente discriminados de um lado, mas uma gente, pelo outro lado, que teria esse tipo de qualificação. E como esse é um programa de pós-graduação, será que seria possível achar gente já com licenciatura ou como se diz em inglês, *first degree*, seja o que for. Outro desafio enorme era... bom, localizar essas pessoas. Segundo lugar, será que essa gente teria condições de entrar em programas de pós-graduação? E diante mão a gente sabia que o conhecimento de inglês é uma barreira muito grande, até nos próprios países para entrar muitas vezes em faculdades precisasse-se um nível de inglês inatingível, para gente, tipo gente indígena, daqui ou Peru ou... espanhol seria uma segunda linha, por exemplo. Então, inventamos a ideia que esse programa seria global, as pessoas podiam estudar aonde quisessem. E na maioria dos programas internacionais de bolsas você precisa ter uma aceitação já, um lugar, aí você tendo esse lugar em Oxford, universidade de Londres, onde for, aí você pode acessar os pontos. Mas como essa pessoa lá em São Gabriel de Cachoeira ia poder acessar esse

mundo? Então tivemos que inventar toda uma arquitetura, uma infraestrutura para ajudar nesse processo de colocação. Então se a ideia, como conseguimos elaborando, era utilizar acesso à educação superior para diminuir a desigualdade social na sociedade, o objetivo global era esse, a gente tinha que repensar toda maquinaria de uma bolsa internacional, das quais eu já tive várias. E era fascinante porque essa maquinaria não existia, não houve, não houve maneira... Então, a gente, realmente, tivemos que costurar. Esse negócio de aceitação internacional, colocação internacional, a gente tinha que costurar agências intermediárias que de fato são competidores. Então trabalhamos com o Institute International Education nos Estados Unidos, com o British Council na Inglaterra, com uma organização holandesa para Europa continental e para as regiões, para gente que ficasse na região tivemos que criar organizações, não existia. Então fascinante, não é, porque todo aí, vendo bem toda a infraestrutura de fluxo internacional, e é uma *grandíssima indústria*, se estima que o fluxo de estudantes internacionais para os Estados Unidos se apresenta uma indústria de US23 bilhões anuais. Então esse fluxo, esse mapa está totalmente determinado pelo acesso prévio. Tanto assim, se você se candidata para uma bolsa, como eu me candidatei para as minhas três Fullbright, a evidência de que eu já tive duas era um argumento *a meu favor*, não contrário. Então basicamente o modelo capitalista, quem tiver mais vai sempre ter mais e as desigualdades foram se acentuando. Nem para falar na questão de preparação acadêmica. Se você vem lá de São Luiz do Maranhão e foi para uma universidade privada, digamos, porque tinha que trabalhar... um dos bolsistas ontem estava me contando, ele é de Aracajú. Ele dizia que ele literalmente vendia coisa na rua, não conseguiu uma vaga na universidade, na federal de lá, porque as pessoas acharam que ele não tinha condição, porque tinha estudado em uma universidade privada de baixa qualidade. Então tivemos que inventar todo um método de preparação de curso, que a gente acabou chamando de pré-acadêmico, para reforçar. Eu tenho bolsistas, por exemplo, da África Anglófona, lá de Gana, falam inglês, falam várias línguas e falam inglês, que não passaram no Toefl porque é baseado em computador, não sabia teclar, não sabia. Então o resultado foi que eles não falam inglês. Então são coisas que a gente acabou aprendendo, que afinal tem sido realmente, sempre o apoio da fundação, e um apoio realmente *inédito*, porque eu acho que hoje não seria repetido nem na própria fundação, foi um momento, uma conjuntura muito especial, conseguimos administrar esse projeto com *muitíssima* autonomia.

H.A. - Foram quantos bolsistas nesse período?

J.D. - Chegamos ao alvo, lecionamos mais de 4.300 bolsistas, em dez anos, que é um número expressivo. E conseguimos mostrar várias coisas, que a demanda existe, as pessoas não sabiam se existia, mas existe, existe muita gente qualificada que não tem tido oportunidade. Conseguimos mostrar que a capacidade acadêmica é livremente destruída, só precisa de condições e de possibilidades de acesso à informação, um acompanhamento de perto, isso foi outra função dos grupos locais. A Fundação Carlos Chagas realmente o bolsista não escapa, relatório, reprovado, aí vai lá faz de novo; e com esse tipo de acompanhamento que a gente teve em todos os países pelos *logoparkers* que a gente chama, chegamos a uma taxa de titulação de 93%. E se você vê, por exemplo, na América Latina, trabalhamos cinco países, tem mais que mil bolsista, 80% deles são ou indígenas ou afrodescendentes, aqui no Brasil 95% são afrodescendentes ou indígenas. O primeiro indígena, pessoa indígena no Brasil a tirar doutorado é nosso bolsista, Maria das Dores, uma linguista, fez linguística aqui em Campinas. Enfim, o programa foi superinovador e a taxa de retorno é altíssima, particularmente para os países africanos é uma preocupação, mas em geral é mais que 80% das pessoas que estão voltando, e já estão começando a entrar em espaços *muito interessantes*. Estive agora, como comentei, no Chile, e lá metade dos bolsistas são mapuche, os mapuches são uma minoria expressiva no Chile, mas *totalmente desligado* do estado chileno. Eles têm uma própria língua, falam da nação deles, fisicamente estão separados, vivem bem no sul, muito longe. Aí estamos fazendo um estudo muito interessante sobre a profissionalização de uma elite mapuche; aí você vê, e a *missão histórica* da Fundação Ford, trabalhar com elites, é isso que faz. Mas são elites de grupos emergentes. Então agora estamos no último ano, e como estava dizendo ontem, a gente tem um projeto de continuação, de continuidade muito interessante. Porque os anos sempre foram contato nesse projeto e, de fato, a fundação voltou com mais de US\$ 75 milhões, investimento total é mais de US\$340 milhões nesse projeto, enorme, mas sempre teve um momento que a Ford ia parar. Então o projeto de continuação, para nós, de continuidade, ver quais elementos do nosso modelo podia ser replicados e como. E aqui no Brasil o escritório local de fato foi uma das últimas doações da Ana Toni aqui, eles têm um projeto que a própria Fundação Carlos Chagas está ministrando que se chama “Projeto Equidade” e houve um edital e me parece que são 12 universidades federais que estão se institucionalizando esse programa de preparo pré-acadêmico para ajudarem as pessoas entrarem na pós-graduação. E o bonito de tudo isso, ouvimos um depoimento ontem, e em alguns casos os nossos ex-bolsistas que estão chefiando o projeto já concursado, já como professores nas próprias universidades

regionais. Tem uma que está em Caruaru, Universidade Federal de Pernambuco. Então dá realmente uma satisfação *enorme*; na universidade do Chile também tem dois ex-bolsistas nosso, que estão criando pela primeira vez na melhor universidade do país um programa de equidade, também, para dar atenção às populações indígenas, que não houve. No Peru, uma coisa fantástica, a gente lá trabalhou com Instituto de Estudos Peruanos que também é um donatário da fundação de todos os tempos, e nossa coordenadora do programa saiu o ano passado para trabalhar com o governo [inaudível] quando entrou. Eles eram muito próximos ao governo. Agora, ela com base no nosso programa, criou um novo programa em Peru que se chama “Beca 18”, a proposta é 25 mil bolsas para estudantes do interior, das províncias, a população indígena. E tudo baseado no nosso modelo.

H.A. - ... para os escritórios de certa forma.

J.D. - É. Então como vocês veem eu podia falar horas sobre esse programa, mas eu devo enfatizar que assim, falando do meu passado, quantas vezes eu estive beneficiada pela fundação. Esse programa realmente há sido uma oportunidade única, de ouro, de tentar repor, um pouco, meu conhecimento pessoal, tudo que eu tenho me beneficiado e aproveitar, não simplesmente dos recursos financeiros que foram generosos, nível quase inimaginável; para deixar essas pessoas oportunidades, muito deles falam depoimentos supercomoventes dizendo: “pela primeira vez não tinha que trabalhar”. Inclusive, a gente insistiu, foi um requerimento do programa que tinha ser estudo em tempo integral. E para as pessoas que mantiveram o vínculo com o emprego, cortamos. Mas o luxo de poder estudar. Enfim, e tudo isso se deve a fundação, então de uma certa forma eu também devo a minha carreira, fiz muita coisa, mas aproveitei dessa generosidade e digo sem ironia, nós nova-iorquinos somos muito irônicos, mas sem ironia, eu acho que realmente me forneceu uma oportunidade *incrível* esse programa de passar o bastão um pouco e ver que essas novas gerações, que estão muito lutadores para a justiça social, então eu estou voltando de onde comecei de uma certa forma.

L.O. - Agora a gente entende melhor porque é o programa menina dos olhos por tudo que você está falando. Se você quiser comentar... Você sabe que o Brasil agora é considerado a sexta economia do mundo...

J.D. - Passou Inglaterra. De fato, não foi tão difícil. [risos]

L.O. - E você tem paralelo a isso várias dessas agências de cooperação internacional.

J.D. - Que estão se retirando.

L.O. - Se retirando, e muitas europeias também, então, vamos dizer assim, é um desafio. O Brasil, os donatários brasileiros estão contentíssimos que Fundação Ford não foi embora; e como você vê essa situação, essa dificuldade? Eu perguntei, já não me lembro mais a quem, “você não acha que a Fundação Ford devia estar dando recursos para outros lugares que precisam muito mais que o Brasil?” Um desafio. Você gostaria de comentar um pouco isso, não?

J.D. - Olha, sempre existe esse debate, e você entra muito rápido no debate como se mede a pobreza, e se for para resolver a questão de pobreza, a fundação estaria trabalhando em Angola, estaria trabalhando na América Central que hoje em dia tem pouquíssima atividade, por exemplo. Estaria trabalhando no Caribe, Haiti. Mas índice pobreza nunca foi exatamente a medida, porque a fundação não é o BID, não é o Banco Mundial e tampouco faz parte da ajuda externa americana, então sempre teve esse outro papel. Eu acho que em países, são todos, inclusive o nosso, onde ainda existe um nível totalmente fundamentalmente inaceitável de desigualdade social, a fundação vai ter um papel, justamente pelas razões que eu expus anteriormente. Eu acho que a fundação sempre teve essa vocação de poder através da pesquisa, através da inserção intelectual, através de laços *muito, muito estreitos* com a intelectualidade brasileira e de outros países também, com as universidades, com os centros de pesquisa, basicamente a inserção dela lá. Claro, com os movimentos sociais também que estão informados por isso. Mas a fundação tem essa vocação de poder apontar os temas emergentes, como falei, temas nascentes, os temas que tem um eco, mas não estão totalmente reconhecidos. Identificar exatamente quais são, aí é o desafio e o trabalho, e isto não se pode fazer enclausurado no seu escritório na Praia do Flamengo, tem que sair, escutar as pessoas. Um bom exemplo, eu me lembro, em 92, ainda estava aqui como representante da fundação, olhando pela janela daquela maravilhosa cobertura na Praia do Flamengo para o Rio 92. Hoje em dia está planejando o Rio+20, não é verdade? Então um bom momento para lembrar que este tema ambiental, claro que estava emergindo no mundo inteiro, mas no Brasil teve uma expressão política muito importante, com os seringueiros, com a questão das reservas extrativistas, com a Amazônia que tem todas as suas questões e conotações de segurança militar, de nacionalismo, tudo mais, e ser uma questão internacional tudo isso. Mas a fundação entrou, naquela época, em vários aspectos dessa questão; ainda hoje está envolvido com a questão do direito indígena, questão da terra, que ainda hoje não foi resolvida etc. Então eu acho que é um bom exemplo como a fundação teve a possibilidade, a perspicácia, - existe essa palavra? -, de identificar um tema que, talvez,

em outros países do mundo, e naquela época havia menos comunicação instantânea e hoje em dia tem. Mas para apontar os temas importantíssimos e abrir um pouco este intercâmbio internacional. Acho que hoje em dia eu diria que a diferença é *essa*, que o Brasil está muito mais receptivo, justamente por causa disso que você falou. O Brasil é um ator internacional, é um país que não está mais aquele gigante adormecido, essas coisas; ainda existe muita pobreza, ainda existe muita necessidade, mas o Brasil ninguém negaria que entrou no século 21, e tem tecnologia de ponta, tem tudo, mas também tem o outro lado da moeda também. Então eu acho que o papel da fundação, seria como sempre, identificar essas áreas emergentes, mas também ajudar nesses laços internacionais. Por exemplo, estava pensando, conversando com os bolsistas ontem, de um lado tem sido super positivo que quase todos os bolsistas brasileiros que são quase 350 pessoas, 85% alguma coisa assim, ficaram no país, porque a oferta de programas particularmente nessa área de ciências sociais é super boa, melhor que às vezes tem nos Estados Unidos. Porque se você vai estudar um tema muito, muito localizado, conflito dos marceneiros em Chapurí, você não vai achar ninguém em Texas que vai saber disso. Enfim, tem uma sofisticação. Mas por outro lado, a experiência internacional, que eu mesma tive, e outras pessoas tiveram, abre a cabeça de uma forma absolutamente que você não pode replicar. Então eu acho que a próxima etapa é a fundação, se eu tivesse lá, e ninguém me convidou, mas se eu estivesse lá, eu enfatizaria mais esse lado internacional, porque antigamente quem dos brasileiros foi o Itamaraty, basicamente. E se você quiser falar elite, pode falar Itamaraty, não é verdade? Então, com a expansão, para o bem ou mal, da educação superior aqui no Brasil ainda falta esse elemento mais internacional. Eu acho que o governo Dilma está com isso, mas eu gostaria de ver, por exemplo, se ou não este programa de “Ciências sem fronteiras” tem uma consciência de desigualdade social. Pelo que eu vi, acho que não tem muito, porque a questão é alta tecnologia, é campos intelectuais de ciências, tecnologia; estivemos no seminário na Columbia University com Capes, com reitores das universidades brasileiras... bom, para eles é nanotecnologia, questão de petróleo, tecnologia de ponta e o objetivo é mandar o maior número de estudantes para IMT e Harvard. De fato, a reclamação foi que a IMT não estava aceitando em número suficiente os estudantes brasileiros. Bom, tudo bem, acho uma maravilha, mas acho que tem que realmente lembrar que este país é ainda muito desigual, como o nosso, e trabalhar esse tema desigualdade. Porque senão trabalhar esse tema para toda a América Latina, todo esse progresso econômico não vai ser sustentado, impossível, impossível, politicamente, socialmente, economicamente vai ser impossível. Então eu acho que a

fundação ainda tem muito a contribuir e espero que não fique localizado demais. Houve um momento que a fundação também imitava um pouco o brasileiro: quais são os temas locais, perfeito, Idesp, governança, problema de reforma política no Brasil, fantástico. Mas está na hora de formar gente com bom conhecimento do sistema internacional e seria um papel ideal para a fundação fazer isso. *That's what I think.*

L.O. - *Thank you.*

H.A. - Eu vou fazer uma última pergunta, desculpe, é meio fora, mais específica, mas sabe o que eu lembrei? Sobre a questão da aids que foi um tema super importante, e quando a gente conversou com o Peter ele disse que havia um direcionamento de Nova York no momento que ele resolveu encampar. E quando a gente conversou com o Bradford ele foi muito incisivo dizendo que o Peter foi muito pioneiro nisso. Então eu acho que ficou ali uma certa... que a gente ficou meio na dúvida, afinal quem...

J.D. - Eu diria que... eu estava aqui nessa época e me lembro *muito bem, muito bem* indo com o Peter para Brasília falar com o Ministério da Saúde sobre essas questões. Me lembro que as primeiras doses para os Gaps da vida. Claro, que o Peter teve um papel *importantíssimo* e um pouco ovo – galinha, não sei exatamente, teria que ver, acho que seria possível constatar, mas houve também em Nova York um programa de saúde reprodutiva que foi sendo iniciado naquela época. A pessoa que chefiou esse programa, me lembro muito bem dele, um médico chileno chamado [Rosenbach Salato]*², dá para ver quando ele entrou, e ele tinha estado com a Organização Mundial de Saúde. E a Susan, isso foi muito menina dos olhos da Susan, de pensar na questão de saúde reprodutiva. E interessadamente não foi saúde pública no sentido mais geral, mas veio de um interesse dela na questão de direitos da mulher. Então, Nova York, a ideia foi essa; aqui no Brasil, aí entrou Peter e você vê os laços que ele tinha com o movimento gay aqui etc, que foi super pioneiro em toda América Latina, no Rio de Janeiro especificamente, e aí as coisas convergiam. Houve uma outra pessoa que talvez vocês vão pegar depoimento dele que vai lembrar muito bem de toda essa história, ele se chama Richard Parker, vocês já entrevistaram ele?

H.A. - A gente acabou conversando com a Sílvia Ramos.

J.D. - O Richard estava na Columbia, não sei se ainda é, mas quem contratou o Richard Parker era eu, ele era meu assistente, era um estudante de pós-graduação na época, hoje ele é uma das maiores atualidades sobre a questão de aids, e começou com uns trabalhos de pesquisa. E eu acho que essa atuação da Ford é um outro exemplo daquilo que eu falei de identificar um tema emergente. Em 88 os primeiros casos foram diagnosticados e

reconhecidos como tal no começo dos 80 nos Estados Unidos. Então já havia, e no Brasil havia um índice de infecção muito, muito acelerado. Então o que a fundação conseguiu era legitimar este tema, como um tema que podia ser considerada pela sociedade como um todo e ajudou muito, acho eu, tirar o estigma disso. Eu me lembro muito bem aquelas primeiras conversas no Ministério de Saúde, não me lembro bem quem era o ministro na época, mas ninguém queria saber, intocável o tema. E com essa pressão... a fundação teve um papel de apoio, de aval aos movimentos. Que eu me lembre foi o movimento gay, mas foi o Betinho basicamente e o Henfil, e os dois morreram de aids, mas por hemofilia, então foi super trágico, mas menos controverso no sentido que não tinha conotação sexual, mas foi basicamente a pressão dos movimentos sociais, que aí muito rapidamente o governo brasileiro respondeu e começou a fabricar os remédios genéricos, o Brasil e a Índia tiveram um papel importantíssimo. Então eu acho que é outro caso bastante específico da fundação legitimar um tema, e ela teve a liberdade de fazer isso porque era externo, não era parte. Era parte e não era parte.

H.A. - Maravilha. Obrigada.

J.D. - Eu gostei demais, foi ótimo. Muito obrigada.

*¹ e *² o mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DO DEPOIMENTO]